

Conhecemos, mas nada fazemos

Paulo Paim – Senador pelo PT do Rio Grande do Sul

Os meios de comunicação divulgam com regularidade dados sobre as desigualdades raciais. A origem é diversa e engloba órgãos do governo e centros de pesquisa, dentro e fora das universidades.

Desde o final dos anos setenta, o Brasil construiu uma sólida base de dados sobre desigualdades raciais. Mercado de trabalho, educação, saúde, renda, moradia, são alguns dos indicadores exaustivamente divulgados e que atestam o abismo entre brancos e negros. No entanto, a exclusão da população negra reiteradamente apontada pelas pesquisas não tem sensibilizado os governos nem a elite deste país.

Conhecemos bem essa realidade, mas não nos mobilizamos para alterá-la. Vejamos o caso do projeto que institui o Estatuto da Igualdade Racial. Ele reúne um conjunto de políticas em benefício da população negra. Sua legitimidade é inquestionável. Vários seminários foram realizados na Câmara. Com a presença de parlamentares, multiplicaram-se os fóruns de debates pelas capitais dos estados. O Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas ainda facilitou a con-

tratação de consultoria especializada em relações raciais, cuja contribuição foi extraordinária na sistematização das propostas.

No entanto, o resultado de todo este trabalho aguarda para ser apreciado pelo Plenário da Câmara desde o mês de dezembro de 2002. Não há debate, não se discute uma proposta que poderia estar sendo aperfeiçoada com a participação de todos os partidos.

Eu diria que o Estado se recusa a modificar as estruturas institucionais para enfrentar adequadamente as desigualdades raciais criadas pelo racismo no Brasil.

Tivemos uma bela participação em Durban, na África do Sul, durante a Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, em 2001. Três anos depois, não conseguimos ainda incluir a dimensão racial nas políticas públicas de desenvolvimento econômico e social.

Assim como existe um relatório para avaliar o impacto sobre o meio ambiente causado por determinados projetos, eu defendo que deveríamos criar uma espécie de relatório de impacto sobre as desigualdades

raciais. Nenhum projeto, nenhuma política pública poderia se recusar a responder essa questão: qual o impacto desta iniciativa sobre as desigualdades raciais?

Desta forma poderíamos criar uma cultura que revertesse a indiferença das instituições diante das evidências de que as desigualdades raciais tendem a se perpetuar na realidade brasileira, se não houver uma intervenção urgente e decidida do Estado.

O Movimento Negro prepara uma mobilização histórica, a Marcha Zumbi +10. Uma década após a extraordinária manifestação de 1995, durante as comemorações do tricentenário da morte do grande líder Zumbi dos Palmares, os negros preparam uma nova marcha a Brasília.

A mobilização começa nos municípios, com pressão sobre os prefeitos recém-eleitos, e dirige-se a Brasília. Os negros estão cansados de esperar. Essa mobilização é decisiva para superarmos o estágio do diagnóstico e alcançarmos a implementação de medidas eficazes e concretas de combate ao racismo e de superação das desigualdades raciais.